

METODOLOGIAS ATIVAS: SABERES, REPRESENTAÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

Active Methodologies: Knowledge, Representations and Implications for the English Language Classroom

Lise Virgínia Vieira de AZEVEDO (Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos, Brasil)

Teresinha de Fátima NOGUEIRA (Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos, Brasil)

RESUMO: *O cenário de pesquisa tem produzido crescentemente estudos que focam práticas pautadas em metodologias ativas em diversos contextos de ensino-aprendizagem. Nossas inquietações estão relacionadas ao perceber como ocorre a relação entre os princípios das metodologias ativas e as práticas de professores que podem estar à procura de novos métodos para motivar o aluno no processo de construção de conhecimento. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir as metodologias ativas em uma tentativa de compreender este conceito para que atitudes conscientes possam direcionar o processo pedagógico em sala de aula. Esse estudo está dividido em três partes: reflexões de pesquisadores no campo conceitual, entre eles: Morán (2017); Berbel (2011); Barbosa e Moura (2013); estudo exploratório investigando as representações que universitários atribuem as aulas fundamentadas em metodologias ativas. Finalmente, discutimos as implicações de tais conceitos e investigação para a prática do professor de língua inglesa.*

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias Ativas; Representações; Alunos; Língua Inglesa.

ABSTRACT: *The research scenario has increasingly produced studies that focus on practices based on active methodologies in several teaching-learning contexts. Our concerns are related to the perception of how the relationship between the principles of active methodologies and the teachers' practices takes place. The teachers may be in search of new methods to motivate the student in the process of knowledge construction. Thus, the objective of this work is to discuss about the active methodologies to understand this concept so that conscious attitudes can direct the pedagogical process in the classroom. This study is divided into three parts: reflections of researchers in the conceptual field, such as Morán (2017); Berbel (2011); Barbosa and Moura (2013); exploratory study investigating the representations that students of a university attribute to their classes grounded on active methodologies. Finally, we discuss the implications of such concepts and research for the practice of the English language teacher.*

KEYWORDS: Active Methodologies; Representations; Students; English Language.

Introdução

Quando pensamos em métodos a serem utilizados em nossa sala de aula para estimular o aprendizado, pensamos em oferecer ao aluno todo e qualquer tipo de situações e ferramentas que possam vir a facilitar seu aprendizado. Entretanto, nem sempre tivemos essa visão na educação; como sabemos, por muito tempo a educação esteve atrelada à ideia de que o professor é quem sabe, pensa e ensina e o aluno é aquele

que aprende sem questionar as normas, os conceitos e os conteúdos definidos pelo professor.

É fato que desde a primeira metade do século XX educadores e psicólogos como Dewey, Vygotsky e Piaget já elucidavam questões a respeito das possíveis e melhores formas de pensar. Durante a segunda metade do século, expoentes como Freire (1983; 1996) e Lipman (2001), entre outros, deram continuidade na trajetória de como melhor desenvolver o pensamento dos alunos.

Piaget (1950/2007) afirma que o conhecimento não é algo inato ao ser humano e nem está no meio, mas é resultado de interações que produzem a meio caminho entre sujeito e objeto. Vygotsky também dedicou grande parte de seus estudos à interação, pois, como afirma Rego (2007, p. 50), baseada no autor, “a relação do homem com o mundo e com os outros homens, é de fundamental importância justamente porque é através deste processo que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, se desenvolvem”.

Em comunhão com o pensamento de Dewey, que entendia que a educação deveria ter a investigação como alicerce, Lipman (2001, p.15) sugere que “uma sessão educacional deve começar por *uma experiência* – um evento cognitivo/afetivo unificado, que ao mesmo tempo, provocaria e sustentaria uma reflexão continuada pela classe”. Ou seja, nas palavras do autor a sala de aula deve transformar-se em uma ‘comunidade de investigação’ onde os alunos tenham oportunidades de estabelecer pontos de vista e argumentar.

A respeito do processo educacional, Lipman (2001) sugere que existem dois paradigmas contrastantes na prática educacional: o paradigma padrão, onde a educação consiste na transmissão de conhecimento dos que sabem para aqueles que não sabem, e o paradigma reflexivo da prática crítica. Nesse último, o enfoque é a percepção das relações contidas nos temas investigados e afirma o autor: “Estes incluem os temidos itens como questionamento, comunidade, racionalidade, julgamento, criatividade e autonomia, todos permeados pela filosofia tradicional” (LIPMAN, 2001, p.30)

Em consonância com os ensinamentos de Freire (1996) e Lipman (2001), entendemos que ensinar é, entre outras coisas, permitir que o aluno esteja aberto a novas formas de pensar e de agir e, que através disso, possa, ele mesmo, ser o coautor de seu desenvolvimento, “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (...)” (FREIRE, 1996, p. 12).

Empoderado dessa atitude o professor, hoje visto como orientador/facilitador do conhecimento, deve entender seus alunos como sujeitos do processo da própria aprendizagem. Entendemos que o modelo tradicional de aprendizagem mecânica, na qual o aluno apresenta uma postura passiva, não é mais possível e muito menos eficaz como se pensava antigamente.

Sendo assim, acreditamos que as metodologias ativas podem fornecer elementos teóricos e práticos que contribuam para que os educadores promovam aos alunos a

necessidade de aguçar a criatividade, de serem capazes de argumentar, de que precisam estar motivados por seus interesses, necessidades e experiências. Precisamos desenvolver neles o senso de investigação e, conseqüentemente, sua autonomia, já que é através da conquista da autonomia que o sujeito encontra sua liberdade de autoconstrução e de responsabilidade perante si próprio e perante a sociedade em que vive.

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro. (BERBEL, 2011, p. 29)

Desse modo, o objetivo deste trabalho é abordar discussões acerca das metodologias ativas em uma tentativa de compreender este conceito para que, assim, atitudes conscientes possam direcionar o processo pedagógico em sala de aula. Para alcançar tal meta, este estudo está dividido em três partes: na primeira, apresentamos as reflexões de alguns pesquisadores no campo conceitual, como de Morán (2017); Berbel (2011); Mitre (2008); Barbosa e Moura (2013); na segunda, como estudo exploratório, investigamos as representações que alunos de uma universidade particular da cidade de São Paulo atribuem a suas aulas fundamentadas em metodologias ativas. E, finalmente, discutimos as implicações de tais conceitos e investigação para a prática do professor de língua inglesa.

1. Metodologias ativas: introdução à teoria

Estamos vivenciando no contexto educacional uma mudança nas práticas pedagógicas decorrentes de uma visão de ensino centrada no aprendiz e nos recursos tecnológicos, além de uma nova modalidade de organização do espaço-tempo social. Assim, as instituições educacionais buscam outras formas de ensino e aprendizagem e de organização do currículo que levem em conta tais alterações metodológicas e teóricas com intuito de possibilitar ao aluno formas de aprendizagem múltiplas, diversificadas, flexíveis, autônomas e ativas. De acordo com Morán (2017, p.23), “a aprendizagem ativa dá ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor”.

Ainda para o autor as metodologias servem para orientar os processos de ensino e aprendizagem e as metodologias ativas, como definidas hoje e bastante exploradas pelos estudiosos, são as que estão centradas na efetiva participação dos alunos, sendo eles, parte integrante da construção de seu próprio conhecimento.

Um dos fatores positivos nas metodologias ativas é o de desenvolver as competências cognitivas e sócio-afetivas como menciona Morán (2017, p.24):

A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alterar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes.

Ressaltamos ainda que, tão importante quanto pensar no que está fazendo, é sentir o que está fazendo. A participação dos sentimentos deve ser vista como um fator relevante na construção do conhecimento, pois a aprendizagem que envolve a auto iniciativa, alcançando as dimensões afetivas e intelectuais torna-se mais duradoura e eficiente.

Outros dois aspectos são bastante significativos nas práticas das metodologias ativas: o desenvolvimento da autonomia do aluno e a problematização como estratégia de ensino e aprendizagem. Em relação ao primeiro, o que está implícito nesta concepção é a participação ativa do estudante em seu processo de aprendizagem, sendo que ele próprio é responsável por buscar conhecimentos, relacionar conhecimentos teóricos e práticos, refletir criticamente sobre problemas reais que envolvem sua formação profissional, estimular tomadas de decisões para que possa contribuir com seu contexto próximo e/ou com o da sociedade de uma maneira geral.

Neste sentido, como o professor pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia do estudante? Berbel (2011) ao analisar os estudos de Reeve (2009) assim se pronuncia sobre tal questão:

O professor deve adotar a perspectiva do aluno, deve acolher seus pensamentos, sentimentos e ações, sempre que manifestados, e apoiar o seu desenvolvimento motivacional e capacidade para autorregular-se. Nesse sentido, o professor contribui para promover a autonomia do aluno em sala de aula, quando: a) nutre os recursos motivacionais internos (interesses pessoais); b) oferece explicações racionais para o estudo de determinado conteúdo ou para a realização de determinada atividade; c) usa de linguagem informacional, não controladora; d) é paciente com o ritmo de aprendizagem dos alunos; e) reconhece e aceita as expressões de sentimentos negativos dos alunos. (BERBEL, 2011, p. 28)

É imprescindível, portanto, a formação de um docente prático-reflexivo, dotado de conhecimento e habilidades e, principalmente, capaz de refletir sobre a sua prática, que tenha este olhar adequado para que possa contribuir para o desenvolvimento desta postura ativa do estudante em relação à sua aprendizagem. Docente e discente, embora sejam e ocupem posições diferentes, não devem ter seus papéis reduzidos à condição de objeto um do outro, ao contrário, ambos são sujeitos ativos e com histórias de vida e de aprendizagem diversificadas, que se complementam e que contribuem para a formação do ser social.

O segundo aspecto, a prática problematizadora como estratégia de ensinar e aprender, deve ser entendido como um movimento de agir sobre a realidade através de problemas que sejam desafiantes e significativos, o que possibilita ao aluno pesquisar e descobrir soluções possíveis e aplicáveis a uma determinada realidade. É um trabalho de muita observação a esta realidade, que vem seguida de discussão dos conhecimentos prévios sobre a situação, de reflexão e análise da situação, de teorização, de elaboração de hipóteses para resolução do problema e posterior aplicação dos resultados à realidade. A inserção crítica do aluno na realidade confere relevante significação à aprendizagem. Assim se pronuncia Mitre (2008) sobre esta questão:

As metodologias ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas. A problematização pode levá-lo ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento. (MITRE et al., 2008, p.2136)

Não pretendemos aqui definir ou nomear as metodologias ativas que têm sido utilizadas como facilitadoras de aprendizado, mas sim, apresentar, segundo Barbosa & Moura (2013) e Morán (2017), os princípios que devem norteá-las.

Barbosa e Moura (2013) listam algumas estratégias que podem ser utilizadas para se construir um ambiente de aprendizagem ativa em sala de aula, sendo elas:

Discussão de temas e tópicos de interesse para a formação profissional; trabalho em equipe com tarefas que exigem colaboração de todos; estudo de casos relacionados com áreas de formação profissional específica; debates sobre temas da atualidade; geração de ideias (*brainstorming*) para buscar a solução de um problema; produção de mapas conceituais para esclarecer e aprofundar conceitos e ideias; modelagem e simulação de processos e sistemas típicos da área de formação; criação de sites ou redes sociais visando aprendizagem cooperativa; elaboração de questões de pesquisa na área científica e tecnológica. (BARBOSA e MOURA, 2013, p. 57)

O que podemos inferir diante do exposto é que métodos ativos compreendem que o aluno precisa trocar o papel de receptor de informações pelo de pesquisador – sendo aquele que faz parte do processo de seleção de seu objeto de estudo, faz perguntas sobre este, reflete sobre o que está aprendendo, relaciona teoria com prática e procura construir conhecimento contando com a colaboração de outros indivíduos. Cabe ao professor assumir o papel de curador e cuidador: proporcionar métodos diferentes e significativos para a aprendizagem, digitais e presenciais, criar contextos acolhedores onde perguntas, questionamentos, sugestões e críticas são bem-vindas, possibilitar a

personalização da trilha de aprendizagem, trabalhos individuais e em grupos e orientar o aluno ao longo de todo o seu processo investigativo.

2. Metodologias ativas: as representações dos alunos

Para iniciarmos a discussão sobre os dados coletados nesta pesquisa, esclarecemos que metodologicamente trata-se: a) de uma abordagem quali-quantitativa, pois ao mesmo tempo que é orientada ao processo subjetivo de valores, representações, atitudes dos sujeitos pesquisados também é orientada ao resultado, objetivando trazer à luz dados e indicadores observáveis (MINAYO et al, 2002); b) de uma pesquisa de campo que consta de uma investigação empírica através de aplicação de um questionário a alunos de um curso de medicina de uma universidade particular com o intuito de verificar a percepção que eles têm sobre as metodologias ativas; c) de investigação de natureza exploratória, pois há necessidade de ampliar o conhecimento a respeito do fenômeno investigado.

Elaboramos e enviamos pelo *Google forms* um questionário (Anexo 1) contendo quatorze (14) perguntas, sendo que as três (3) primeiras tratavam do perfil identitário dos entrevistados, e as seguintes eram dez (10) fechadas e uma (1) aberta.

Contexto:

A pesquisa foi realizada com onze alunos do segundo ano de uma universidade particular de Medicina da cidade de São Paulo durante o mês de setembro de 2018. Os respondentes representam dez (10%) por cento do total de alunos.

Questão 1: Sexo

Tivemos 2 respondentes do sexo masculino e 9 do feminino, o que reforça estudos indicando uma maior presença de mulheres nos cursos de graduação, principalmente na área médica (LETA, 2003).

Questão 2: Faixa Etária:

Um sujeito respondente com 19 anos; dois com 20; um com 21; dois com 23; 1 com 24; 1 com 26; 2 com 27 e 1 com 38. A média aproximada foi de 24 anos, o que pode ser interpretado pelo fato de que há uma grande concorrência no curso de medicina e o aluno tem que fazer alguns anos de cursinho e ingressa na faculdade com idade um pouco superior ao que se espera quando termina o ensino médio.

Questão 3: Curso de graduação:

Os onze sujeitos responderam: curso de Medicina.

As questões a seguir tinham como objetivo verificar qual o ponto de vista dos alunos sobre as metodologias ativas e a partir dos dados, refletir sobre as práticas dos professores diante desta abordagem no contexto da sala de aula.

Questão 4: Listagem de metodologias ativas que poderiam ser utilizadas em sala de aula:

Os onze (11) alunos indicaram a aprendizagem baseada em problemas, pois é a metodologia que se mostra evidente para os alunos tanto no projeto pedagógico como no discurso e prática docente.

Seis (6) também assinalaram a aula invertida;

Três (3) na aprendizagem baseada em projetos;

Cinco (5) em estudo de caso;

Seis (6) em simulações;

Um (1) dos respondentes mencionou a aprendizagem baseada em equipe.

Esses dados nos dão indícios para pensar que a concepção que subjaz às metodologias ativas é contemplada nas práticas docentes a partir das respostas dos estudantes, pois um índice acima da média foi marcado nas alternativas propostas no questionário. Tais alternativas foram propostas a partir do referencial teórico adotado neste estudo, principalmente os de Barbosa & Moura (2013) e Morán (2017).

As questões 5, 6 e 7 eram relativas às atividades propostas pelo docente.

Questão 5: Oportunidade de refletir sobre o que está sendo desenvolvido no curso:

Três (3) alunos sempre têm oportunidade de reflexão;

Seis (6) mencionaram que às vezes têm esta oportunidade;

Dois (2), que raramente têm esta oportunidade de reflexão.

A partir deste resultado podemos inferir que a participação do aluno em momentos de reflexão de aprendizagem ainda não conseguiu atingir um patamar significativo nas atividades pedagógicas, parece que prevalece a experiência e a reflexão do professor. Pensamos que ‘as estratégias que promovem aprendizagem ativa podem ser definidas como sendo atividades que ocupam o aluno em fazer alguma coisa e, ao mesmo tempo, o leva a pensar sobre as coisas que está fazendo’. (BARBOSA E MOURA, 2013, p. 55)

Questão 6: Atividades de aprendizagem e sua relação com a prática fora do contexto universitário:

Quatro (4) alunos afirmam que essa relação é muito clara;

Sete (7) afirmam que esta relação é às vezes clara.

Esse resultado nos permite refletir sobre alguns aspectos: o espaço que há para mostrar tal relação para os alunos, a inexperiência dos estudantes para associar o conhecimento adquirido na faculdade e a ligação com o mundo exterior que o aluno se depara. Tal comportamento pode ser explicado pelo fato de haver pouco espaço nas aulas para que esta associação seja discutida entre os alunos e professores. Pensamos que a autonomia dos estudantes vai sendo construída a partir do papel do docente de orientar e conscientizar os alunos em relação a sua aprendizagem.

Questão 7: Atividades que podem ser realizadas em sala de aula (com base nos estudos de BARBOSA & MOURA, 2013) listadas no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Estratégias para ambientes de aprendizagem ativa

Atividades propostas pelos professores	Total de alunos
--	-----------------

discussão de temas e tópicos de interesse para a formação profissional.	9
trabalho em equipe com tarefas que exigem colaboração de todos.	8
estudo de casos relacionados com áreas de formação profissional específica.	9
debates sobre temas da atualidade.	6
geração de ideias (<i>brainstorming</i>) para buscar a solução de um problema.	10
produção de mapas conceituais para esclarecer e aprofundar conceitos e ideias.	8
modelagem e simulação de processos e sistemas típicos da área de formação.	5
criação de sites ou redes sociais visando aprendizagem cooperativa.	1
elaboração de questões de pesquisa na área científica e tecnológica.	2
Outras _____	0

Fonte: Barbosa e Moura (2013)

Diante desse resultado, discutiremos as respostas que foram mais recorrentes entre os alunos, pois elas já nos fornecem material esclarecedor das práticas em sala de aula. Percebemos que as atividades utilizadas pelos docentes são características das abordagens ativas de aprendizagem, como, por exemplo, a geração de ideias para buscar solução de problemas, estudos de casos relacionados com áreas de formação profissional, discussão de temas e tópicos de interesse para a formação profissional, no entanto, quando comparamos este resultado com a última pergunta do questionário estas práticas que parecem ser positivas, ainda não conseguem ser vislumbradas como material que contribui para a aprendizagem dos alunos, no ponto de vista deles. Em outras palavras, as atividades são realizadas, entretanto, o efeito não parece ser positivo para o desenvolvimento da autonomia e da participação efetiva dos estudantes na construção de seu processo de aprender.

Em consonância com o pensamento freiriano, entendemos que a autonomia deve ser construída através das experiências vivenciadas e que se concretiza através da curiosidade, da motivação, do interesse pelo conhecimento, da vontade de participar de seu próprio amadurecimento e ter capacidade de tomar decisões. “É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”. (FREIRE, 1996, p. 67)

Questão 8: Informações sobre o currículo (aprendizagem ativa personalizada: MORÁN, 2017):

Um (1) aluno mencionou que sempre tem oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada a seu ritmo;

Oito (8), que às vezes têm oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada ao seu ritmo;

Dois (2), que raramente têm esta oportunidade.

Pensamos que tal resultado nos fornece pistas que indicam ainda a pouca participação ativa do estudante no desenvolvimento de sua aprendizagem e o conceito de personalização não leva em consideração o aprendiz, que é o núcleo fundamental deste processo. Tal procedimento pode ser interpretado como decorrente da visão e da postura teórico-pedagógica do docente, ainda em processo de entendimento e aplicação das metodologias ativas.

As questões 9 e 10 foram referentes ao acompanhamento da aprendizagem.

Questão 9: Orientação por parte dos professores/mentores:

Sete (7) responderam que às vezes têm esta orientação;

Dois (2) que raramente têm esta orientação;

Dois (2) mencionaram que nunca tiveram esta orientação.

Pensamos que nas metodologias ativas o papel do professor é fundamental para que o aluno seja sujeito ativo de sua aprendizagem e tenha orientação necessária para ter êxito neste processo. Nas palavras de Morán (2017, p. 26):

O papel do professor nos projetos inovadores é muito mais amplo e avançado: É o de desenhador de roteiros pessoais e grupais de aprendizagem, de mediador avançado que não está centrado só em transmitir informações de uma área específica. O professor é cada vez mais um *coach*, que orienta o aprendiz, uma pessoa que ajuda os estudantes a elaborarem seus projetos de aprendizagem.

Questão 10: Visualização dos próprios resultados de aprendizagem, avanços e dificuldades:

Dois (2) mencionaram que sempre conseguem visualizar seus resultados;

Sete (7) disseram que às vezes conseguem;

Dois (2) que raramente conseguem visualizar seus resultados, avanços e dificuldades.

Uma das características do professor na aprendizagem baseada em problemas, que é a adotada na universidade em questão, é ensinar, orientar o aluno a gerenciar sua aprendizagem, no entanto, pelas respostas supracitadas, podemos perceber que os estudantes não têm esta orientação, não conseguem visualizar seus resultados porque sentem falta de apoio do professor e da instituição propriamente dita.

A falta de familiaridade com o método pode despertar nos estudantes a sensação de que não sabem o que deveriam estar aprendendo, pelo menos inicialmente. Além disso, a falta de sucesso com o método pode estar associada à carência de suporte apropriado do corpo

acadêmico e institucional para sua implementação. (MARIN, 2010, p.18)

Se compararmos as respostas da décima questão com as que foram dadas na última, percebemos que há pouco tempo para o aluno estudar e pouco tempo de dedicação do professor para atendimento ao estudante. Assim, um aprendiz que vem de um modelo tradicional da escola básica, quando se depara com outro bem diferente, em que a autonomia é fundamental, sem apoio e orientação pedagógicas tem dificuldade de vislumbrar sozinho seu desenvolvimento e aprendizagem.

As questões 11 e 12 se referiam à interação entre estudantes, professores e comunidade.

Questão 11: Oportunidade de trabalhar com professores, orientadores e pessoas mais experientes:

Dois (2) responderam que sempre têm essa oportunidade;

Três (3), que às vezes têm essa oportunidade;

Cinco (5), que raramente têm essa oportunidade;

Um (1) nunca tem essa oportunidade.

Entendemos que essa possibilidade de diálogo interacional ajudaria sobremaneira os estudantes a se sentirem mais seguros, confiantes e participativos da construção de sua aprendizagem. Entretanto, de acordo com as respostas dadas pelos alunos, a maioria deles, indica não ter essa oportunidade habitualmente.

Questão 12: Interação com o entorno (mundo/comunidade):

Um (1) aluno afirma que sempre tem contato com o entorno;

Oito (8), que às vezes têm contato com o entorno;

Dois (2) que raramente têm este contato.

Através de nosso estudo teórico, comungamos com Morán (2017) a respeito da importância do contato do aluno com o entorno, não com o intuito de apenas conhecê-lo, mas também de modificá-lo através de ações que contribuam na solução de problemas comuns à sociedade.

Questão 13: A respeito do uso das tecnologias digitais e redes sociais:

Dois (2) alunos afirmaram que sempre fazem uso;

Quatro (4), que às vezes fazem uso;

Dois (2), que raramente fazem uso;

Três (3), que nunca fazem uso de tais tecnologias ou redes sociais.

Tal resultado nos leva a refletir que as tecnologias digitais e redes sociais, que são grandes aliadas do docente para atender as diferentes aprendizagens dos alunos, ainda caminham a passos bem lentos. Talvez pela falta de preparação e de desconhecimento do funcionamento e das possibilidades de uso por parte do professor ou da instituição de ensino.

Finalmente, a questão quatorze, de natureza dissertativa, objetivou conhecer o ponto de vista dos alunos em relação às metodologias ativas adotadas pelos professores. Faz-se necessário elicitare que adotamos o conceito de representação extraído do

trabalho de Grigoletto (2003, p.223) que se baseou nos estudos de Hall, e concebe representação como “um sistema de significação que trata de uma construção do “real” (*versus* apreensão) e, conseqüentemente, de uma forma de atribuição de sentido”.

Pedimos aos estudantes que mencionassem quais eram os pontos positivos e negativos das metodologias e atividades usadas pelos docentes em sala de aula. O quadro 2, a seguir mostra as categorias que foram levantadas através da visão dos sujeitos da pesquisa, independente da recorrência delas:

Quadro 2: Ponto de vista dos alunos sobre metodologias ativas

Pontos Positivos	Pontos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Importância do trabalho em grupo • Exposição de ideias e opiniões em público • Desenvolvimento da autonomia e da autoaprendizagem • Interação com colegas e professores • Possibilidade de ser ator e não observador • Liberdade de estudo e flexibilidade de horário • Construção de uma rotina de estudo 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho sozinho gera incerteza • Falta de direcionamento e acompanhamento • Pouco tempo para estudo com sobrecarga de atividades • Busca de conhecimento primário sozinho • Despreparo de alguns professores • Falta de diálogo entre as matérias • Discussões vagas

Fonte: as autoras (2018)

Ao avaliarmos as respostas dadas pelos alunos nessa questão aberta, não podemos nos furtar ao fato de que esses estão cursando o segundo ano de um curso superior complexo de longa duração, que exige dedicação exclusiva aos estudos. Ainda pouco conhecem a respeito da metodologia ativa *Problem Based Learning* (PBL), aplicada ao curso por ser uma forma de ensino e aprendizagem que eles ainda não conheciam em sua história escolar.

Afirma Berbel (2011, p.32) “A esfera cognitiva do PBL deve garantir que o aluno estude situações suficientes para se capacitar a procurar o conhecimento por si mesmo quando se deparar com uma situação problema ou um caso clínico”. Por fim, a autora sugere que essa metodologia está associada à prática problematizadora já apontada por Freire (1983) como o caminho para o conhecimento. Prática essa que rompe definitivamente com a tradicional forma depositária de conteúdo sem a ativa participação do aluno, praticada pelo o que ele chama de concepção bancária da educação.

Segundo Freire (1983, p.82):

(...) na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.

Visualizamos através das respostas em análise, que a maioria dos alunos percebe o método como inovador e atrativo que estimula o autoconhecimento, a liberdade, o trabalho em equipe, a criatividade e conseqüentemente a autonomia. Em seu estudo sobre as fortalezas e as fragilidades das metodologias ativas pela ótica dos estudantes Marin et al. (2010) corroboram em dois aspectos positivos em relação à nossa pesquisa: a) “Na ótica dos estudantes, tais métodos, por partirem de situações reais ou se aproximarem da realidade, estimulam o estudo constante, a independência e a responsabilidade do aluno” (MARIN et al., 2010, p.16) e b) “Nos sentidos identificados nas falas dos estudantes, evidencia-se ainda que o uso dessas metodologias prepara para o trabalho em grupo. Isto porque graças a elas é possível desenvolver a capacidade de respeitar o outro, expor opiniões, fazer e receber críticas, além de contribuir para a aproximação entre tutor/estudante e estudante/estudante” (MARIN et al., 2010, p.17).

Os enunciados positivos dos alunos nos indicam que as representações que eles têm da metodologia ativa e das atividades propostas pelos professores podem ser materializadas em três aspectos mais recorrentes: a) autonomia e protagonismo do aluno; b) importância do trabalho em grupo e da exposição de ideias e c) interação com colegas e professores. Essas indicações podem ser visualizadas no recorte abaixo, que foi extraído das respostas dos alunos e que foram transcritas fidedignamente:

‘faz com que tenhamos um papel mais ativo na nossa própria educação’

‘metodologia que coloca sempre como atores e não observadores das ações’

‘a troca de informações de um com o outro’

‘aprender a trabalhar em grupos e expor minha opinião frente aos outros’

Morán (2015) sugere que para termos alunos proativos devemos adotar metodologias que envolvam os alunos em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados.

Entretanto, percebemos através do ponto de vista de vários alunos, que muitas das vezes, eles se sentem desamparados com relação à tutoria que esperavam ter quanto à direção a seguir ao estudar sozinhos, como também, quanto à solução de dúvidas decorrentes do estudo individual. Além disso, sentem-se pressionados com relação ao pouco tempo de estudo para a solução de determinado problema.

Nos estudos de Marin et al., dois aspectos negativos resultantes das observações dos alunos pesquisados por eles também foram mencionados explicita ou implicitamente pelos sujeitos de nossa pesquisa: a) “Para os estudantes entrevistados, a abrupta mudança de método de ensino gera insegurança, requer grande esforço dos atores envolvidos no processo e exige mudança de comportamento, maturidade e organização dos estudantes.” (MARIN et al., 2010,17) e b) “Ainda como fragilidade

desse métodos, argumentam que se sentem perdidos na busca de conhecimento, principalmente em disciplinas básicas, e que tais conteúdos ficam pouco explorados.” (MARIN et al., 2010, p.18)

Nos aspectos negativos, o discurso dos estudantes contém sentidos que remetem à desvalorização das metodologias ativas, o que pode ser agrupado em torno das seguintes formulações presentes nos enunciados dos alunos: a) sentimento de insegurança diante do que aprendeu sozinho, b) tempo insuficiente para o estudo devido à sobrecarga de atividades, e c) ausência de direcionamento e acompanhamento e despreparo do professor. Como exemplo, podemos citar os seguintes enunciados dos sujeitos dessa pesquisa:

‘... o fato de ter que estudar sozinho, gera algumas dúvidas.’

‘falta maior direcionamento.’

‘pouco tempo para o estudo, em média apenas 3 dias para cada problema, o que exige muito empenho já que os assuntos são vastamente elucidados na literatura.’

‘o ciclo base conta com professores desqualificados que acabam deixando a desejar matérias que serão importantes...’

‘não tenho auxílio de professores/tutores para tirar dúvidas.’

3. Implicações para a aula de língua inglesa

Diante do resultado da pesquisa podemos levantar alguns pontos para pensarmos na implicação que tais dados podem fornecer para o ensino e aprendizagem de língua inglesa. Não dá para pensar em seguir rigidamente a filosofia das metodologias ativas sem antes haver uma modificação de concepção curricular nas faculdades que ministram inglês, mas como este caminho é lento, podemos adotar alguns procedimentos que são relevantes na construção de conhecimento entre os sujeitos do ensinar e aprender. Assim, pensamos que alguns fatores são importantes para que a aprendizagem seja mais efetiva:

- criação de itinerários mais personalizados para os alunos;
- papel do professor como orientador, como tutor;
- aprendizagem por desafios, problemas reais;
- importância de conhecer o aluno, suas expectativas, suas dificuldades, suas facilidades, suas potencialidades;
- atribuição de atividades diversas e desafiadoras que promovam a autonomia dos alunos, tais como pesquisas, projetos e simulações;
- importância da orientação e disponibilidade de atendimento de professores/tutores qualificados e conscientes da metodologia utilizada;
- incentivo à interação com pares mais experientes;
- utilização das tecnologias e mídias disponíveis (como o Facebook, Whatsapp e Skype, entre outras) que permitem acesso ao professor e colegas para que haja mais interação entre eles;

- inclusão de momentos reflexivos para que alunos consigam perceber seu processo de ensino-aprendizagem;

4. Considerações Finais:

Cada aluno constrói representações sobre as metodologias ativas e as atividades usadas pelos docentes em sala de aula e essas representações podem nos indicar caminhos para tentar compreender o ponto de vista dos estudantes e a partir desses elementos repensar as práticas e as tarefas que são propostas na construção dos saberes científicos.

Além da perspectiva estudantil, é necessário que como professores estejamos atentos a outras possibilidades metodológicas e ao que seu referencial e base conceitual podem nos fornecer como sustentação e entendimento de nossas ações pedagógicas. Ou seja, torna-se imperativo que nos preparemos para melhor embasar e provocar a aprendizagem em nosso aluno e, acima de tudo, que iniciemos nosso processo de mudança interior nos colocando também como aprendizes, pois só através dessas novas atitudes poderemos ter efetivos avanços na educação. Portanto, há a necessidade de haver mais espaços para trocas de experiências na tentativa de compreender o conceito de metodologias ativas e elucidar caminhos possíveis para o seu uso, principalmente, em contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras modernas.

Nesse movimento inquietante, para termos alunos proativos devemos adotar metodologias que os envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados. É preciso orientar o aluno a gerenciar sua própria aprendizagem, a aprendizagem como um todo, aquela que envolve auto iniciativa, autoconhecimento, seus anseios, projetos pessoais, coletivos e intelectuais.

No nosso ponto de vista, a aprendizagem que envolve as dimensões afetivas e intelectuais e o respeito à autonomia e aos diferentes ritmos dos alunos parece ser uma das melhores maneiras para compreender o processo de produção e expressão do conhecimento, dentro de uma perspectiva de atuação e transformação da realidade, pois conhecer é transformar. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 1996, p. 12)

Referências

BARBOSA, Eduardo F. e MOURA, Dácio G. Metodologias Ativas de Aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. *Boletim Técnico do Senac – Revista da Educação Nacional*, v. 39, n.2, p. 48-67, maio/ago. 2013, Rio de Janeiro.

BERBEL, Neusi A.N. . As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Revista Semina*, v. 32, n.1, p.25-40, 2011, Londrina. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>. Acesso em 05 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRIGOLETTO, Marisa. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, Maria José (org.) *Identidade e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, v.17, n.49, Sept./Dec. 2003, São Paulo. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300016>. Acesso em 24 set. 2018.

LIPMAN, Mathew. *O pensar na Educação*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARIN, Maria José S. et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA*, v. 34, n.1, p. 13–20, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000100003>. Acesso em 05 jun. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de S.et al. *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade*. 21ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MITRE, Sandra M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v.13, suppl.2, p.2133-2144, 2008, Rio de Janeiro. ISSN 1413-8123. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000900018>. Acesso em 05 jun. 2018.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. In: Souza, Carlos A. de e MORALES, Ofelia E. T. (orgs.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. v. II, PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, p. 15-33, 2015. Disponível em: www2.eca.usp.br/moran. Acesso em 11 jun. 2018.

_____. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). *Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem*

e desenvolvimento. CRV, p.23-35, 2017, Curitiba. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf. Acesso em 13 jun. 2018.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 22.ed. São Paulo: Martins Fontes-Selo Martins, 2007.

Anexo

QUESTIONÁRIO

Prezado(a) aluno(a):

Somos professores universitários e estamos desenvolvendo uma pesquisa com o objetivo de verificar qual o ponto de vista dos alunos a respeito das metodologias ativas. Gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo as questões que são propostas. Agradecemos antecipadamente.

1. Sexo:

() feminino

() masculino

2. Idade: _____ anos

3. Curso: _____

A. Quais metodologias ativas são utilizadas pelos professores nas disciplinas do seu curso.

() aula invertida

() aprendizagem baseada em projetos

() aprendizagem baseada em problemas

() estudo de caso

() simulações

() outras _____

B. Em relação às atividades,

1.

() sempre tenho a oportunidade de refletir sobre o que está sendo desenvolvido.

() às vezes tenho a oportunidade de refletir sobre o que está sendo desenvolvido.

() raramente tenho a oportunidade de refletir sobre o que está sendo desenvolvido.

() nunca tenho a oportunidade de refletir sobre o que está sendo desenvolvido.

2.

() sua relação com a prática fora da escola é muito clara.

() sua relação com a prática fora da escola às vezes é clara.

- sua relação com a prática fora da escola raramente é clara.
- sua relação com a prática fora da escola nunca é clara.

3. Selecione aquelas realizadas em sala:

- discussão de temas e tópicos de interesse para a formação profissional.
- trabalho em equipe com tarefas que exigem colaboração de todos.
- estudo de casos relacionados com áreas de formação profissional específica.
- debates sobre temas da atualidade.
- geração de ideias (brainstorming) para buscar a solução de um problema.
- produção de mapas conceituais para esclarecer e aprofundar conceitos e ideias.
- modelagem e simulação de processos e sistemas típicos da área de formação.
- criação de sites ou redes sociais visando aprendizagem cooperativa.
- elaboração de questões de pesquisa na área científica e tecnológica.
- outras _____

C. Em relação ao currículo,

1.

- sempre tenho a oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada ao meu ritmo.
- às vezes tenho a oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada ao meu ritmo.
- raramente tenho a oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada ao meu ritmo.
- nunca tenho a oportunidade de desenvolver uma trilha de aprendizagem adaptada ao meu ritmo.

D. Em relação ao acompanhamento,

1.

- sempre tenho orientação de professores/mentores.
- às vezes tenho orientação de professores/mentores.
- raramente tenho orientação de professores/mentores.
- nunca tenho orientação de professores/mentores

2.

- sempre consigo visualizar meus resultados, avanços e dificuldades.
- às vezes consigo visualizar meus resultados, avanços e dificuldades.
- raramente consigo visualizar meus resultados, avanços e dificuldades.
- nunca consigo visualizar meus resultados, avanços e dificuldades.

E. Em relação à interação,

1.

() sempre tenho a oportunidade de trabalhar com professores, orientadores e pessoas mais experientes em relação ao que está sendo trabalhado.

() às vezes, tenho a oportunidade de trabalhar com professores, orientadores e pessoas mais experientes em relação ao que está sendo trabalhado.

() raramente tenho a oportunidade de trabalhar com professores, orientadores e pessoas mais experientes em relação ao que está sendo trabalhado.

() nunca tenho a oportunidade de trabalhar com professores, orientadores e pessoas mais experientes em relação ao que está sendo trabalhado.

2.

() sempre tenho contato com o entorno, com o mundo/comunidade, para contribuir com soluções reais.

() às vezes tenho contato com o entorno, com o mundo/comunidade, para contribuir com soluções reais.

() raramente tenho contato com o entorno, com o mundo/comunidade, para contribuir com soluções reais.

() nunca tenho contato com o entorno, com o mundo/comunidade, para contribuir com soluções reais.

F. Em relação às tecnologias digitais,

() sempre fazemos uso de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria.

() às vezes fazemos uso de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria.

() raramente fazemos uso de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria.

() nunca fazemos uso de redes sociais e ambientes abertos de compartilhamento e coautoria.

G. Quais são os pontos positivos e negativos da(s) metodologias(s) que você tem experimentado.

Revista
CBTecLE

ISSN 2526-4478

CPS
Centro
Paula Souza



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO